

Gertrud Gross-Hering e o hibridismo em *Ein guter Kern*. Uma boa narrativa da realidade brasileira.

Celeste Ribeiro de Sousa¹

Daí que, se quisermos entender nosso futuro, decodificar genomas e triturar números, dificilmente será suficiente. Temos de decifrar também as ficções que dão significado ao mundo.” (HARARI 2016: 158).

Titel: Gertrud Gross-Hering und die Hybridität im Text *Ein guter Kern*. Eine gute Erzählung der brasilianischen Realität.

Title: Gertrud Gross-Hering and the hybridism in the text *Ein guter Kern*. A good story of the brazilian reality.

Palavras-chave: Literatura teuto-brasileira; Literatura da imigração alemã; Brasil alemão; Gertrud Gross-Hering.

Schüsselwörter: teuto-brasilianische Literatur; Literatur der deutschen Einwanderung; deutsches Brasilien; Gertrud Gross-Hering.

Key-words: teuto-brazilian literature; german immigration literature; german Brazil; Gertrud Gross-Hering.

A questão do cânone

É sabido que a literatura produzida em língua alemã e também em português por imigrantes de língua alemã no Brasil e seus descendentes ainda é considerada uma literatura marginal, quando não absolutamente desconhecida dos brasileiros. Grande parte das razões para essa marginalização pode ser encontrada no artigo “Literatura brasileira de expressão alemã e a crítica”, disponível em

¹Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da USP; email: celeste@usp.br.

><http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/119171><. E essas razões apontam para a necessidade de uma reavaliação dessa produção literária, pois há textos bons, que poderiam integrar o cânone literário brasileiro, desde que se tenha em mente que um cânone não é uma instância pétrea, mas uma construção cultural, sujeita a revisões. As histórias da literatura brasileira poderiam apresentar um capítulo relativo às produções literárias e ensaísticas dos imigrantes no Brasil. Este é o assunto que se colocou em debate nesta seção 5.

Começo com uma longa citação extraída de um outro texto meu, intitulado “Forçando as fronteiras artificiais do cânone. O caso da literatura brasileira de expressão alemã”. Digo eu:

As regras que presidiram a formação dos cânones literários nacionais foram criadas na Europa no século XIX, às voltas com a formação dos Estados-nação, a exigirem um perfil identitário. Países há, onde tais regras ainda vigoram. Contudo, há também países que, hoje, se veem obrigados a revê-las. Entre esses países, por exemplo, está a Alemanha. E por que não estaria o Brasil, que sempre foi um país de imigrantes? Imigrantes assaz diversificados, como deveras diversificadas foram as circunstâncias em que as mudanças de território ocorreram. Revisões desse tipo são absolutamente possíveis e necessárias, se não se perder de vista uma definição para cultura, [tal como Yuval Harari a expõe em *Sapiens. Uma breve história da humanidade* às páginas 46 e 171: “diversidade de realidades imaginadas e de padrões de comportamento”, que acabou dando origem a “uma rede de instintos artificiais”, porém, em constante mutação].

[...]

Pergunta-se: o que definiria uma literatura nacional? As fronteiras políticas do Estado onde ela é publicada? A língua em que é escrita? Os temas (nacionais) que explora? A nacionalidade de seus autores? Importaria o grau de poeticidade do texto produzido? Haveria “grande literatura” nacional e “literatura periférica” nacional?

Há comparatistas e, entre eles, Hugo Dyserinck, que alegam existir apenas literatura universal – a arte com as palavras. Varia a expressão linguística dessa literatura universal, sem comprometer-lhe a natureza.

Tendo a posicionar-me com estes últimos e a tomar como parâmetros balizadores para o que é literário os conceitos de “grande literatura”, de Ezra Pound, e de “grau zero da escritura”, de Roland Barthes, estabelecendo entre eles uma escala graduada de poeticidade. Resta definir o que é poeticidade. E aqui vou recorrer a uma reflexão minha ensejada em 1992 durante a II Semana de Língua Alemã, que ainda me parece válida. Dizia eu:

A questão [...] colocada é a seguinte: por que o leitor [...] apresenta, de um modo geral, mais dificuldades para entender um texto dito literário do que para entender outros textos ditos não literários, se todos eles resultam da mesma necessidade ontológica do homem de entender o mundo, e se são configurados através do mesmo código?

Poderíamos começar por dizer que os textos ditos não literários, ao tentar traduzir e comunicar a realidade, o fazem de maneira lógica e analítica,

recortando uma porção dessa realidade, uma vez que não é possível ao cérebro humano apreender o mundo como um todo e ordená-lo segundo normas convencionais. [Nesses] textos ditos não literários reconhecer-se-ia o objetivo de evidenciar uma determinada “ordem” que não está visível. Para se conseguir chegar a essa “ordem” que implica em precisão e clareza, [as quais] facilitam a compreensão, o texto escrito mostraria uma linguagem estruturada segundo as regras reconhecidas pela gramática e calcada em vocábulos semanticamente monovalentes, a fim de evitar a ambiguidade. [Já] os textos ditos literários, ao contrário, ao traduzir e comunicar a realidade, tenderiam a não se contentar com recortes da realidade, tenderiam a abarcar o todo do jeito que ele se apresenta: intrincado e caleidoscópico. Os textos ditos literários evidenciariam desordem, veiculada por uma linguagem caracterizada por rupturas das normas gramaticais [em vários graus] e por vocábulos semanticamente ambivalentes, a fim, justamente de criar a ambiguidade que aponta para o intrincado e caleidoscópico modo de ver e sentir o mundo. (RIBEIRO DE SOUSA 1992: 17).

A poeticidade se instala, então, no modo de escrever o texto e não no tema do texto. Nos mais altos degraus da escala Barthes-Pound, atrás mencionada, estariam os textos poéticos de alcance universal, isto é, lidos, compreendidos e apreciados por todos ao redor do mundo. Contudo, os nossos problemas vão adiante, pois há textos que, apesar de poéticos, apenas traduzem realidades locais. E, neste passo, há quem defenda que realidades locais apenas são traduzíveis pela língua local. Esta é uma problemática que merece discussão mais expandida. E será que, aqui, neste patamar não se poderia colocar a maioria das obras literárias ditas nacionais, aquelas que escapam ao cânone universal? Trata-se de uma zona sombria a separar obras nacionais e obras universais, a separar as mais poéticas das menos poéticas. Mesmo assim, ainda estamos pensando nos casos esquemáticos em que os habitantes de um país escrevem numa só língua, considerada nacional.

Ora, nos dias atuais em que populações se movem freneticamente pelo mundo, mudam de um país para outro, toda esta didática ficou embaralhada. A literatura nacional passou a encampar textos poéticos em qualquer degrau da escala Barthes-Pound que falem de vários temas e, em alguns (talvez poucos) casos, sejam escritos em outra língua que não a nacional.

Importante é perceber que todos esses textos oferecem uma tradução do mundo, um mundo de fronteiras rebeldes que precisamos penetrar, compreender e divulgar.

Tal embaralhamento observamos aqui mesmo no Brasil, quando olhamos para a literatura que imigrantes alemães e seus descendentes escreveram/escrevem e publicaram/publicam em língua alemã sobre o Brasil. Em muitos casos, essa linguagem também se afasta do alemão padrão. E, assim, essa literatura escrita em alemão passa a oferecer uma cor local ao Brasil. Lembremo-nos que

o Brasil, como país outrora colonizado, trabalhou para, após sua independência de Portugal, construir uma literatura que lhe emprestasse identidade nacional, que desse corpo a seu novo status político, uma literatura, portanto, original, diferente das da metrópole e das demais europeias. Assim exigiam até simpatizantes estrangeiros da causa brasileira, tais como o francês Ferdinand Denis, os portugueses Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Neste afã, sem dúvida, a preocupação com a construção de uma imagem, de uma autoimagem nacional, era manifesta. (RIBEIRO DE SOUSA 2009: 39).

Mas observemos também que, pelos tempos afora, muitos elementos que davam/dão forma a essa nacionalidade original, genuína e peculiar, foram/são deixados de lado. Por exemplo, os fenômenos literários dos diferentes grupos aqui imigrados nunca chegaram a ser levados em consideração [pelas histórias da literatura brasileira].

O desafio é mostrar que a literatura nacional não está apenas escrita em português, mas também em alemão, quiçá em outros idiomas. Ou deveriam ser as literaturas de minorias excluídas das literaturas nacionais? (RIBEIRO DE SOUSA no prelo).

Gertrud Gross-Hering. Quem é?

Gertrud Gross-Hering (1879-1968), filha de um dos fundadores da indústria têxtil Hering, é autora de vários romances, de algumas narrativas curtas, de alguns poemas, de 3 peças de teatro e vários ensaios. Dados sobre sua vida e obra podem ser encontrados em Ribeiro de Sousa, Celeste. *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. Disponível em: ><http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/203/gertrud-gross-hering-1879-1968><.

Para a publicação dos enormes romances, beneficiou-se, sem dúvida, da tipografia e editora de um primo, conhecido por sua firme ideologia pangermanista - a Buchdruckerei G. Arthur Koehler, em Blumenau².

Algumas obras de Gertrud Gross-Hering já foram objeto de estudos específicos. Lembro aqui Valburga Huber e Lia Carmen Puff. Todavia, sobre esta narrativa *Ein guter Kern*, não conheço referências críticas.

Ein guter Kern: Uma boa narrativa da realidade brasileira

² G. Arthur Koehler comprou em 1900 o jornal de ideais radicais *Urwaldsbote*, que defendia com veemência os “preceitos da Liga Pangermânica e dos *Alldeutschen*”, e [era] combatido pela totalidade da imprensa em língua portuguesa do Estado de Santa Catarina. [Posicionava-se] a favor da endogamia dos teuto-brasileiros, do pangermanismo, da atividade dos bugreiros, da oficialização da língua alemã, e contra as instituições republicanas e a política nacional em geral [...]”. In: Seyferth, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 52, 53. “Na década de 1920 lamentava a República de Weimar, emitindo opiniões anti-semitas [...]”. Id. *ibid*, p. 53. [...] “Foi razoavelmente moderado em relação ao nazismo, não se filiando diretamente aos grupos locais do NSDAP.” Loc. cit.

Este texto, um dos primeiros da autora, foi publicado em 1938, no *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, geralmente conhecido como *Rotermund Kalender*, de São Leopoldo³. Tempos difíceis: o nazismo grassava na Alemanha e já deitava tentáculos no Brasil. A Alemanha nazista já se preparava para a guerra e, no Brasil, Getúlio Vargas flertava com a Alemanha⁴. Os núcleos da imigração de língua alemã ainda não tinham sido submetidos à censura e à nacionalização forçada, só ocorrida em 1942. A atmosfera reinante no seio desses grupos bem como a alusão explícita à Juventude Hitlerista são trazidas a registro nesta narrativa.

O título *Ein guter Kern* (De boa cepa), já traça uma direção para as expectativas do leitor: aponta para matrizes, essências, raízes, origens. Metaforicamente, um sujeito de boa cepa ou de bom cerne, de bom núcleo, é um sujeito de boa família e, portanto, indubitavelmente bom. Porém, a expressão popular (e a voz do povo é a voz de Deus), presente no título da narrativa, não condiz, no começo, com a verdade de Jacozinho, o neto forte e louro do velho Zurich, alemão imigrado no Brasil. Pois a história começa tensa, com a fuga do neto amado da casa do avô na calada da noite, sem uma palavra de despedida – uma rebeldia nada alemã para a época. Por que o neto havia fugido? Por que a cultura alemã com que o avô o educara não tinha para ele significado algum; por que o garoto preferia fumar na beira do rio com seus amigos brasileiros e falar português? E aqui já vai se desenhando a oposição cultural entre Alemanha e Brasil sofrida na pele por esse neto chamado Jacó Schmidt, um indivíduo nascido no Brasil e, por isso, brasileiro, e, ao mesmo tempo, alemão, por causa do sangue que lhe corre nas veias e da educação que recebe em casa. Trata-se de um híbrido cultural de alta voltagem, considerando-se que não há culturas que não sejam em si híbridas por natureza⁵. Diz a narrativa:

Quando o avô Zurich, com palavras vacilantes, desajeitadas, queria ampliar o mundo das ideias de Jacozinho, contando-lhe casos vividos e coisas lidas,

³ GROSS-HERING, Gertrud. *Ein guter Kern* (De boa cepa). In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Rotermund Kalender). São Leopoldo, Rotermund, 1938, p. 97-108.

⁴ “[...] até 1938 foram fechados importantes tratados comerciais que estreitaram o comércio entre os dois países [...]. Por outro lado, havia também um interesse político por parte da Alemanha. Durante a Segunda Guerra, a Alemanha demonstrou diversas vezes interesse por um alinhamento militar do Brasil com o Eixo. Além disso, o fato de o Brasil ter recebido um número significativo de imigrantes alemães nos séculos XIX e XX chamava a atenção das autoridades alemãs, que interpretavam a concentração de ‘colônias’ como uma extensão de forças na América do Sul.” (DIETRICH, 2007: 54).

⁵ Em meio a inúmeras controvérsias em torno do conceito de “híbridismo” e de outros afins, tomo aqui emprestado de Nestor Canclini a concepção de “híbrido”, que circunscreve o termo ao ambiente cultural latino-americano, à mistura entre línguas e culturas da mesma região. (CANCLINI 2011).

quando ele tentava, do melhor jeito que ele mesmo conhecia, despertar no neto o interesse pelos antepassados na Alemanha, Jacozinho nem se dava ao trabalho de dissimular que tudo aquilo lhe era medonhamente indiferente. Preferia muito mais passar o tempo livre com os camaradas na floresta ou à beira d' água, caçando, pescando, aprendendo a fumar cigarros e a bater papo em português.

“Vocês e sua língua”, costumava ele dizer com desprezo, embora ele mesmo com sua pronúncia não pudesse negar seus antepassados de Baden.

“E o eterno capinar neste calorão abrasador,” irritava-se ele. “Sinto-me um fracassado. É mais esperto alugar casa na cidade, ir para lá é mais cômodo”. (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa)⁶.

De um lado, pelas lentes “alemãs” da narradora no papel de informante local, dona, portanto, também de um saber local, percebe-se o desenho da sedutora frouxidão brasileira, um retrato esquivo e negativo do Brasil; de outro lado, porém, vislumbram-se os ditos valores verdadeiros, cultivados pelo avô e transmitidos ao neto, ainda não especificados.

A narradora, certamente, conhece as tradições, as lendas, os costumes, a(s) língua(s) do lugar. Por isso, fala do assunto com habilidade. Porém, é mister observar que esta mesma narradora domina igualmente outras geografias, o que lhe possibilita a construção da natureza heterogênea da personagem. Chama a atenção, no entanto, o fato de ela apenas apontar, e em língua alemã, para o plurilinguismo do jovem protagonista, o que mostra alinhar essa narradora com o avô Zurich na defesa veemente do que entendem por cultura alemã em território brasileiro.

A aflição e a perplexidade do avô, extremamente bem construídas através de gestos e movimentos desencontrados para cá e para lá, asseguram a tensão da narrativa. E o rumo inesperado que a procura de Jacozinho pela liberdade em terras do Brasil toma, não alivia essa tensão; ao contrário exacerba-a. Neste passo, constrói-se um suspense, pois para o avô alemão, procurar um rumo libertário no Brasil significa perder-se, e para o leitor brasileiro, essa decisão poderia ser considerada um verdadeiro

⁶ Wenn Großvater Zurich mit tastenden, ungelenken Worten Jaköbles Ideenkreis hatte verbreitern wollen durch Erzählen von Erlebtem und Gelesenem, wenn er versucht hatte, des Enkels Interesse zu wecken an den Vorgängen in Deutschland, so gut er selbst sie kannte, dann hatte Jaköble gar kein Hehl daraus gemacht, daß ihm das alles furchtbar gleichgültig sei. Lieber lag er in seiner Freizeit mit Seinesgleichen im Wald oder am Wasser, jagend, fischend, lernte Zigaretten rauchen und portugiesisch schnacken. „Ihr mit Eure Sprach,“ pflegte er verächtlich zu sagen, trotzdem er selbst in seiner Aussprache die Badender Vorfahren nicht verleugnen konnte. „Un das ewige Kapine in dere Hitzten,“ regte er sich auf. „Da tut mer scho g'scheiter, mer vermiet sich in die Schtadt, daherinnen hat mer's kommoder.“ (GROSS-HERING 1938: 98-99). Todas as falas em dialeto alemão receberam traduções em norma standard.

Wendepunkt (ponto de viragem) não só na vida do protagonista, mas também da narrativa.

Todavia, Jacozinho, levado pelo acaso (ou pela pena da narradora), consegue no porto de Rio Grande, arrumar emprego justamente num navio alemão e parte, assim, para Hamburgo. A expectativa do leitor brasileiro frustra-se, pois a grande virada cultural na vida do brasileiro-alemão acaba abortada.

A partir daqui, o texto fica um tanto frouxo, porque afastado de sua realidade, distendendo-se pelo saudosismo de valores sociais idealizados e rarefeitos, projetados num passeio pela superfície da Alemanha nazista, passeio este construído sobre uma série de episódios em que a civilidade dos garotos alemães – todos pertencentes à Juventude Hitlerista - é colocada em evidência e observada pelo brasileiro-alemão. Caracterizam essa civilidade comportamentos regidos por disciplina, respeito, solidariedade e obediência à hierarquia, que, como se sabe, datam dos tempos militarizados do *Kaiserreich*.

Mas, curiosa e também paradoxalmente, a narradora não permite que o seu protagonista se insira e permaneça nessa comunidade alemã admirada. Obriga-o a voltar ao Brasil, à colônia, o que significa cultivar valores alemães antigos/arcaicos/estranhos, tais como os elencados acima, num pedaço de terra brasileira, para resistir à aculturação e ao hibridismo.

São ilustrativas destes valores as palavras da própria Gross-Hering num texto intitulado *Nach 75 Jahren*, em que ela diz:

Eu adorava as noites em família ao redor da mesa redonda. A luminária grande pendurada sobre a mesa fornecia luz suficiente para todos os que ali se encontravam reunidos e, enquanto papai ou o tio Bruno lia em voz alta, minhas irmãs entretinham-se com trabalhos manuais, mamãe remendava meias e nós, crianças, éramos também autorizadas a ficar ali por algum tempo. Assim, éramos logo acostumadas a ficar sentadas quietas, a incorporar a leitura que ouvíamos e a refletir sobre ela. Desta forma, nossa atenção era exercitada, sem sequer suspeitarmos de que fazer-nos permanecer quietas era, ao mesmo tempo, uma hábil jogada de nossos pais, para que eles igualmente tivessem um pouco de sossego. Até hoje, lhes sou grata pelo fato de nos terem educado com tanta sabedoria. Por isso, ainda hoje, acompanho sem impaciência uma palestra, uma leitura prolongada, uma conversa interessante. Mas irrita-me, quando outros não conseguem dominar-se, ficam cochichando ou pigarreando. Tudo pode ser evitado, menos o espirro. (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa).⁷

⁷ Die Abende um unsern runden Familientisch liebte ich. Die grosse Haengelampe darueber spendete genuegend Licht fuer alle, die um ihn versammelt waren, und waehrend Vater oder Onkel Bruno vorlasen, handarbeiteten die Schwestern; Mutter stopfte Struempfe, und wir Kinder durften ein Weilchen

Movido pela saudade, Jacó acaba retornando mais maduro, qual herói de um romance de formação, faz as pazes com o avô, ganha um bom emprego entre os alemães da colônia, casa-se com a antiga vizinha, também brasileira-alemã, e à narrativa é dado um *happy end*.

Da perspectiva alemã do avô, as experiências do neto na Alemanha acabam por tornar-se, de fato, um *Wendepunkt* na vida do neto, ou seja, o retorno do filho pródigo à casa do pai.

O hibridismo em *Ein guter Kern*

No texto, saltam aos olhos diversas questões a serem problematizadas:

1. A primeira de ordem estética: a construção primorosa do avô Zurich e as falas dialetais, embora poucas, de Jacozinho, um sujeito fronteiriço, dono de um lugar discursivo em que a narradora permite que se expresse por si mesmo (em primeira pessoa) sobre seus problemas, sem o controle do outro. O fato de a língua portuguesa nunca ter sido colocada na boca de Jacozinho atesta a não abertura da autora/narradora para o hibridismo cultural, mostra a sua recusa em reconhecer o hibridismo, de fato, existente em Jacozinho.

2. A segunda de ordem temática: a binacionalidade dos filhos de imigrantes. Os jovens nascidos do Brasil não têm consciência dessa cisão e sentem-se agredidos quando os brasileiros não os reconhecem como brasileiros. Assim se defende Jacó, o protagonista desta narrativa:

Eu sou tão brasileiro quanto vocês”, dizia ele empertigado, quando eles o azucrinavam, chamando-o de alemão. “Eu falo tão bem português quanto

auch zuhoeren. So wurden wir gleich daran gewohnt still zu sitzen, das Vorgelesene in uns aufzunehmen und darueber nachzudenken. Unser Interesse wurde damit wachgerufen, und wir ahnten nicht, dass das gleichzeitig ein kluger Schachzug unserer Eltern war, uns zum Stillsitzen zu bringen, damit sie selbst auch Ruhe hatten. Ich danke es ihnen heute noch, so klug an uns gehandelt zu haben. So kann ich, ohne Unruhe zu verspueen, noch heute einem Vortrag, langes Vorlesen, und einem interessanten Gespraech still lauschen, und aergere mich, wenn andere sich nicht bezaehmen koennen, dazwischen fluestern und sich raeusperrn. Mann kann das alles vermeiden: hoechstens das Niessen nicht. (GROSS-HERING s/d: 8).

vocês”. E também sou capaz de escrever. Vocês escrevem o seu nome fazendo esforço igualzinho a mim. (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa).⁸

E, diga-se, na narrativa, nem os alemães reconhecem esses brasileiros-alemães como alemães.

Ao final, Jacó só se acomoda dentro do ambiente da colônia. Como ele mesmo diz, terminando a narrativa:

O Brasil é minha pátria e eu morreria, se não pudesse ficar aqui, mas os que são alemães têm que saber de onde lhes vem a força e não se esquecerem disso. [...] Aqui há mais aconchego. – Quando a saudade bateu, só consegui pensar na nossa colônia. (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa).⁹

Ou seja, Jacó continua um híbrido cultural, apesar do avô. E, se Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro* vê o hibridismo brasileiro como o ponto de partida para uma nova e gigantesca etnia projetada no futuro, deve-se atentar para a seguinte observação de Giralda Seyferth em *Nacionalismo e identidade étnica*. Diz a estudiosa: “nem a industrialização, a urbanização ou mesmo a campanha de nacionalização, conseguiram descaracterizar o grupo étnico [teuto-brasileiro]. Apenas modificaram alguns critérios que eram usualmente empregados como identificadores” [dessa etnia, resistente à hibridização ou mestiçagem]. (SEYFERTH 1982: 219). Trata-se de uma declaração claramente ilustrada por esta narrativa. Todavia, isto é Brasil. Este é um fenômeno da cultura brasileira. Não há como apagá-lo para criar a miragem da homogeneidade cultural, supostamente sustentadora do cânone literário brasileiro.

3. A terceira, também de ordem temática, diz respeito à simpatia por valores cultivados pela Juventude Hitlerista. Assim se expressam na narrativa as jovens personagens alemãs: “Hitler é nosso futuro. Hitler será nosso guia, o guia de toda a Alemanha, e isso, queira Deus, em breve.” Trad. Celeste Ribeiro de Sousa).¹⁰ Chama a atenção uma frase-Leitmotiv que caracteriza o grupo de jovens hitleristas, a evidenciar o culto à disciplina e à obediência (cega) - seus movimentos ocorrem “como se

⁸ “Ich bin Brasilianer so gut wie ihr,“ sagte er empört, wenn sie ihn als Deutschen hänselten. „Ich spreche genau so gut portugiesisch wie ihr. Und ich kann es auch schreiben. Ihr schreibt mit genauer Not euren Namen.“ (GROSS-HERING 1938: 101.)

⁹ “Weischt, Großvater, Brasilien isch mein Heimat, un grad schterben tät ech, wann ech net mehr hier sein derft. Aber die, wo Deutsche send, soll’n a wisse, wo’s ihr Kraft her hab’n, und soll’n des net vergesse.“ [...] Hier heraußen isch’s kommoder. - Wie’s Heimweh komme isch, ha ech alleweil nur an uns´ Kolonie denke misse.“ (GROSS-HERING 1938: 108).

¹⁰ “Hitler ist unsere Zukunft. Hitler wird unser Führer werden, der Führer für ganz Deutschland, und das hoffentlich bald.“ (GROSS-HERING 1938: 103).

obedecessem a um comando” (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa).¹¹ Todavia, não se encontra no texto de Gross-Hering discussão ou defesa ideológica explícita do nazismo. Há simplesmente o registro da admiração da narradora/autora e de suas personagens por posturas e valores comportamentais aprendidos em casas alemãs, quer na Alemanha quer no Brasil. Aliás, à época, tais posturas e valores são igualmente cultivados em outras partes da Europa na área da educação. Por exemplo, o americano

John Watson, uma reconhecida autoridade em puericultura na década de 1920, aconselhava severamente aos pais: “Nunca abracem e beijem [seus filhos], nunca deixem que se sentem em seu colo. Se for realmente necessário, beijem-nos uma vez na testa ao lhes dar boa-noite. Cumprimentem-nos com um aperto de mão pela manhã”. A popular revista *Infant Care* explicava que o segredo para criar os filhos era manter a disciplina e suprir suas necessidades materiais segundo um rígido programa diário. Um artigo de 1929 dava a seguinte instrução aos pais cuja criança chorasse por comida antes da hora de sua refeição: “Não a segurem, não a embalem para que pare de chorar e não a alimentem antes da hora exata da próxima refeição. Chorar não prejudica o bebê, nem mesmo o mais pequenino deles”. (HARARI 2016: 96).

A manipulação política de tais valores é uma outra história. Embora o *modus operandi* da Juventude Hitlerista tenha muito de militar, nada se fala de política na narrativa.

4. A quarta, igualmente de ordem temática, diz respeito à vitória dos valores alemães que vão dar conforto ao avô, ao confirmarem que o neto era afinal de boa cepa, ou seja, segundo um outro ditado popular, “quem sai aos seus não degenera”. O que emerge desta problemática é que a cisão cultural e identitária que, em geral, caracteriza o imigrante passa também a seus descendentes diretos. E esta cisão interna acaba por se traduzir também numa cisão entre habitantes de um mesmo Brasil, o que desmente claramente, como dissemos acima, a imagem buscada e forjada de uma suposta homogeneidade cultural, o que, por sua vez, evidencia a controvérsia em torno do cânone literário brasileiro.

5. A quinta, de cariz imagológico, avulta a imagem negativa do Brasil por contraste com a imagem da Alemanha, imagem negativa essa que é realimentada pelo olhar já um tanto desfocado do avô Zurich. Por um instante, tem-se a impressão de que o garoto Jacó, em sua rebeldia adolescente, descolar-se-á da família alemã e trilhará seu caminho brasileiro, que à nascença, diga-se, já é mal assinalado. Para além do

¹¹ “Wie auf Kommando.” (GROSS-HERING 1938: 103).

primitivismo das estradas de terra e dos carros de bois como meio de transporte, os colegas/amigos brasileiros do protagonista são sumariamente caracterizados como não trabalhadores e como fumantes que gostam de jogar conversa fora – um conhecido estereótipo/imagotipo brasileiro. De fato, cada cultura é determinada por sua(s) geografia(s). Tal circunstância desempenha um papel relevante na formação/construção do imaginário cultural, da definição identitária do grupo/povo, neste caso, um imaginário cultural e identitário contraditório.

Por estes motivos, a narrativa *Ein guter Kern*, de Gertrud Gross-Hering, poderia, sim, integrar o cânone literário brasileiro, constar de um capítulo da história da literatura brasileira, dedicada à produção poética dos imigrantes. É uma boa narrativa da multifacetada e frequentemente paradoxal realidade brasileira.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture. Œuvres Complètes*. Livres, Textes, Entretiens. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par éric Marty. Paris: Seuil, 2002.
- CABRERA, Julio. Europeu não significa universal, brasileiro não significa nacional. In: *Nabuco*. Revista Brasileira de Humanidades. Ano 1, No 2. Novembro/Dezembro de 2014 e janeiro/fevereiro de 2015. http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18028/1/ARTIGO_EuropeuNaoSignificaUniversal.pdf. (12.01.2017).
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. 4ª ed. Trad. Ana Regina Lessa et alii. São Paul, Edusp, 2011.
- DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas*. São Paulo, Humanitas, 2007.
- DYSERINCK, Hugo. *Komparatistik. Eine Einführung*. Bonn, Bouvier, 1977.
- GROSS-HERING, Gertrud. Ein guter Kern (De boa cepa). In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Rotermund Kalender), São Leopoldo, Rotermund, 1938, p. 97-108.
- GROSS-HERING, Gertrud. *Nach 75 Jahren*. Beitrag zur Geschichte der Familie Hering. Zusammengestellt von Gertrud Gross-Hering (Após 75 anos. Contribuição à história da família Hering. Coletado por Gertrud Gross-Hering. Arquivo do Instituto Martius-Staden, pasta Zz 70/w.
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens. Uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. 13ª ed. Porto Alegre, L&PM, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus. Uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.
- HUBER, Valburga – *Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau, Ed. da FURB, 1993.
- MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. São Paulo, Ateliê, 2009.
- POUND, Ezra. How to read. In: *Literary essays of Ezra Pound*. New York, A New Directions Book, 1968.
- PUFF, Lia Carmen. *Ficción y realidad em "Durch Irrtum zur Wahrheit" de Gertrud Gross-Hering*. Tese de Doutorado. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2003.
- PUFF, Lia Carmen (org.). *Uma enteada da natureza. Gertrud Gross Hering*. Florianópolis, UFSC, 2000.

- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. 2ª ed. 15ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. Literatura não é nada mais que língua. In: NOMURA, Masa (org.). *Aspectos do ensino de alemão como língua estrangeira*. São Paulo, FFLCH/USP, 1992, p. 16-23.
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. A imagologia no Brasil: primeira tentativa de sistematização. In: *Revista de Literatura Comparada* 14, 2009, p. 37-55. <http://www.abralic.org.br/revista/2009/14>. (22.01.2017).
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica. In: *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, v. 19, n. 28, set.-out. 2016, p. 45-73. <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/119171/116546>. (22.01.2017).
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. <http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/203/gertrud-gross-hering-1879-1968>. (20.11.2016).
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. “Forçando as fronteiras artificiais do cânone. O caso da literatura brasileira de expressão alemã”. Comunicação apresentada durante o XXXI Encontro Nacional da Anpoll no Simpósio: Literaturas Estrangeiras em Pauta, em 30/06 – 14h às 16h – Mesa 4. Publicação no prelo.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.